

J. FERNANDES MASCARENHAS  
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

**D. Maria da Graça Pessanha**

e a

**Capela da Farrobeira**



Separata do jornal  
«POVO ALGARVIO»  
1952

À memória de meus pais

*José Pedrô Mascarenhas*

*Elisa Mariana Pires Mascarenhas*

NOTA

## Por terras do Algarve

Ensaio de História e Arqueologia

## DO AUTOR:

*Aspectos da Revolução Nacional — 1937*

*A Casa do Algarve em Lisboa — 1938*

*Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica  
— 1941*

*O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos económicos do Algarve no século XVIII — 1942*

*Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a  
sua restauração) — 1943*

*No Rumo da Educação — 1944*

*A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos  
documentos — 1950*

## I — A origem dos Pessanhas e a sua existência na freguesia de Moncarapacho

**E**NTRE as famílias nobres que tiveram o seu solar na freguesia de Moncarapacho, conta-se a dos Pessanhas. De origem genovesa, procede esta família, que tão assinalados serviços prestou no início das navegações portuguesas, de micer Manuel Pezagno, almirante-mor de Portugal, nomeado por el-rei D. Dinis, após a morte de Nuno Fernandes de Cogo-minho.

Já em 29 de Setembro de 1581, por exemplo, nos aparece nos livros de registos paroquiais de Moncarapacho, referência a um Manuel Pessanha que casou na igreja matriz de Santa Maria da Graça, com Maria Luís, sendo uma das testemunhas, Diogo Pessanha<sup>(1)</sup>. E numa interessante carta, enviada em 1758, pelo cura Manuel Mendes Corrêa, de Moncarapacho, para o Dicionário do padre Cardoso, documento cujas notícias temos podido confirmar quase totalmente nas nossas investigações sobre o Algarve,

(1) *Livro dos Baptismos e Casados*, n.º 3.

dá-nos, também, o referido sacerdote, indicação dessa família como vivendo em Moncarapacho.

«A família dos Pessanhas — diz-nos ele — com timbre de armas, a qual acabou com o Capitão João Pessanha e seu primo Manuel Martins Pires, por não deixarem sucessão»<sup>(1)</sup>.

Acerca deste ramo da família Pessanha, o que pudemos apurar — dadas as dificuldades em trabalhos desta natureza — foi apenas o seguinte:

Dona Inês Pessanha casou com o capitão Pedro Afonso Pires, nascendo deste casamento, respectivamente, o capitão João Revez Pessanha, que morreu solteiro e sem descendência, e Dona Maria da Graça Pessanha que também morreu solteira e sem descendência<sup>(2)</sup>.

Todavia, encontrámos vários outros membros da família Pessanha vivendo na mesma época na freguesia de Moncarapacho e em Tavira, os quais, pela grande afinidade com Dona Maria da Graça e seu

(1) Transcrita na «*Monografia do Concelho de Olhão*», de Ataíde Oliveira, p. 182 a 184.

(2) In «*termo de óbito da mesma senhora*», transcrito na altura de vida.

irmão, deviam ser seus parentes muito próximos, embora não o possamos afirmar categoricamente, dada a falta de documentos.

Entre esses membros contavam-se Dona Maria Pessanha, filha do capitão Luís do Porto Pessanha e de Dona Maria de Brito e Dona Bárbara de Brito Pessanha de Mendonça, filha de Domingues Rodrigues e de Catarina Pereira, naturais de Moncarapacho e residentes em Tavira.

Dona Maria Pessanha casou, em primeiras núpcias, em Moncarapacho, a 31 de Dezembro de 1672, com Sebastião Roiz Pires, filho de João Roiz e de Inês Miz, sendo uma das testemunhas desse casamento o capitão Domingos Pereira de Brito<sup>(1)</sup> e, em segundas núpcias e perigo de vida, em Julho de 1682 e também em Moncarapacho, na Foupana, com um primo em 4.º grau de afinidade, de nome Gaspar Soares de Barros, filho de Miguel Afonso de Barros e de Isabel Revez, tendo sido este Gaspar Soares de Barros o testamenteiro do capitão João Revez Pessanha, como veremos mais adiante<sup>(2)</sup>.

Dona Bárbara de Brito Pessanha de Mendonça, por sua vez casou em Tavira, onde

residia, em 26 de Outubro de 1722, com António de Brito Medeiros e Abreu, tendo como testemunhas Domingos Pereira de Brito e João de Brito, «*alferes do Conselho do Capitão Barros Gomes*»<sup>(1)</sup>.

Sem pretendermos estabelecer a ligação entre os membros desta família, visto não ser presentemente nosso objectivo fazer um estudo genealógico completo, além de que, seria impossível, em face das grandes lacunas que se verificam nos arquivos paroquiais é, porém, de admitir que estes Pessanhas descendam de Álvaro Pessanha, filho bastardo do almirante micer Carlos Pessanha e de Dona Catarina e neto do almirante micer Manuel Pezagno, fidalgo genovês, e de Leonor Afonso, filha de Lançarote da Franca, moradora em Tavira, fidalga que, segundo Andrade Leitão (códice 49/XII/41, das Genealogias da Biblioteca da Ajuda, tomo 16, p. 931), com base no *Livro preto da Câmara de Tavira*, f. 113, fez um aforamento de terras, em 1392, a favor de um tal Afonso Esteves.

Álvaro Pessanha foi casado, em primeiras núpcias, com Beatriz Valente, irmã de Ruy Valente, provedor do Algarve,

(1) *Livro n.º 5 dos Casados da freguesia de Moncarapacho.*

(2) *Idem*, f. 154 v.

(1) *Livro dos Casados de Santa Maria de Tavira (1717-1737)*, f. 50 v., do Arq. de São Vicente de Fora, de Lisboa.

e em segundas núpcias, com Dona Isabel da Cunha, filha de D. Álvaro Vaz de Almada, 1.º conde de Abranches. Deste último casamento, nasceram vários filhos, entre os quais Diogo Pessanha, casado com Dona Simoa Correa, filha de Pedro Correa, almoxarife de Tavira e de Juliana Pinheiro, o qual morreu preso no castelo de Lisboa, por ter morto, em 1531, Manuel de Melo e seu irmão Francisco de Melo, quando andavam à caça do açôr, nos campos de Tavira, o que deu lugar ao célebre combate entre os Pessanhas e os Melos, travado no sítio da Campina, na freguesia da Luz de Tavira <sup>(1)</sup>.

Vários foram os filhos deste Diogo Pessanha que, em virtude do desastroso resultado do combate da Campina, se homiziaram em Tânger, onde, tanto eles como os seus descendentes, ocuparam cargos públicos, certamente até a altura em que essa cidade marroquina passou para a posse

da Inglaterra, em resultado do casamento de Dona Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra.

Depois deste último facto, muitos representantes desta família teriam vindo para o Algarve, além de outros que por aí sempre permaneceram.

Da sua existência no Algarve encontram-se vestígios em Lagos, Faro, Moncarapacho, Tavira, Cacela e outras terras, aparecendo-nos ligada com os Mendonças, Vasconcellos, Gouvêas, Britos, Lobos, etc.

## II — O culto de Nossa Senhora na família Pessanha

**N**OS Pessanhas de Moncarapacho houve sempre um culto muito particular por Nossa Senhora da Conceição, a Quem, el-rei D. João IV, no meio das grandes dificuldades diplomáticas, militares, financeiras e políticas que o seu governo teve de enfrentar, ofereceu a sua coroa e designou, oficialmente, em 1646, como Padroeira de Portugal.

Tanto o capitão João Revez Pessanha como sua irmã Dona Maria da Graça Pessanha, foram fervorosos devotos da Virgem, sobretudo Dona Maria da Graça.

Os documentos por nós encontrados, confirmam plenamente esta afirmação.

(1) *Genealogias da Biblioteca da Ajuda, códice 49/XII/41*, tomo 16, p. 931 a 940, *Nobiliário de Portecarrero, letra P.*, f. 146 e seguintes, do Arq. Nac. da Torre do Tombo e *Monografia da Luz de Tavira*, de Francisco Xavier d'Ataíde Oliveira, Porto, 1913, p. 174 e 175, em que o autor transcreve excerptos de obras de Damião de Lemos F. e Castro e do visconde de Sanches Baena, com alusões aos Melos e Pessanhas.

Tendo sido erecta na paróquia de Moncarapacho uma confraria de Nossa Senhora da Conceição, foi o capitão João Revez Pessanha seu mordomo durante vários anos e o grande animador do culto da mesma Senhora.

Ouçamos o que a este respeito nos dizem os documentos:

«O Dr. João Calado da Silva cônego perbentado na Santa Sé desta cidade juís dos residuos deste Bispado e Reino do Algarve pelo Eminentíssimo Senhor Cardeal Pereira Bispo deste dito Bispado do Conselho de Estado de Sua Magestade que Deus guarde mandei vir perante mim o livro velho da receita e despesa da Confraria de Nossa Senhora da Conceição cita na Igreja Paroquial do lugar de Moncarapacho termo da cidade de Tavira para lhe tomar contas de quatro anos que tiveram princípio por dia de São João Baptista de mil setecentos e desassete e findaram em outro tal dia de mil setecentos e vinte e um ao mordomo o Capitão João Revez Pessanha que serviu nos ditos quatro anos por devoção fazendo a festa a sua custa como o fez nos mais anos de sua vida e continua sua irmã Dona Maria da Graça até o presente; e serviu... (ilegível) haver nos ditos quatro anos por este e ter abalado o que

o era Reverendo Padre Pedro Martins em São João Baptista... e entrar o Alferes Manuel Caetano de Mendonça e servir de Prioste em outro tal dia... e como nos ditos quatro anos deu conta o dito mordomo que neles serviu como se vê do livro velho em o ano de 1667 e findou em 1730, tendo princípio em as folhas duas e findou a f. 88, cujas contas vão no dito livro de f. 74 até f. 79 e as tomaram os Senhores Doutores Provedores das Comarcas deste Reino...»<sup>(1)</sup>

Verificando-se o falecimento do capitão João Revez Pessanha em Abril de 1726<sup>(2)</sup>, continuou D. Maria da Graça Pessanha, sua irmã e herdeira, nessa devoção para com Maria Santíssima, chegando mesmo a fazer as festividades à sua custa.

A propósito, vejamos mais outros documentos:

«Conta que o Reverendo

(1) *Livro da Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Moncarapacho*, f. 2 e 2 v.

(2) *Livro de óbitos da freguesia de Moncarapacho do respectivo ano*, f. 150. O texto desse termo é o seguinte: «Aos.... dias do mês de Abril de 1726 anos faleceu o Capitão João Revez Pessanha solteiro recebeu todos os sacramentos foi sepultado nesta paróquia na Capela do Santíssimo Nome de Jesus a quem deixou mil reis aos 20 dias do dito mês fez testamento testamenteiro o Alferes Gaspar Soares de Barros».

Prior desta Igreja de Moncarapacho Francisco Xavier Lobo Pessanha tomou e ajustou a Dona Maria da Graça Pessanha, por seu procurador como herdeira de seu irmão João Revez Pessanha do tempo que este serviu a Confraria de N. S. da Conceição que teve princípio no ano de 1711 e findou como consta do livro velho no ano de 1721 por dia de S. João..... Por conta dos quais entregou em dinheiro a dita D. Maria por seu irmão ao Prioste Manuel Caetano de Mendonça para a compra do sino grande desta Igreja doze mil e oitocentos reis. . . . 12\$800.

Entregou mais ao dito Prioste pela dita conta quatro mil e oitocentos reis... 4\$800»<sup>(1)</sup>.

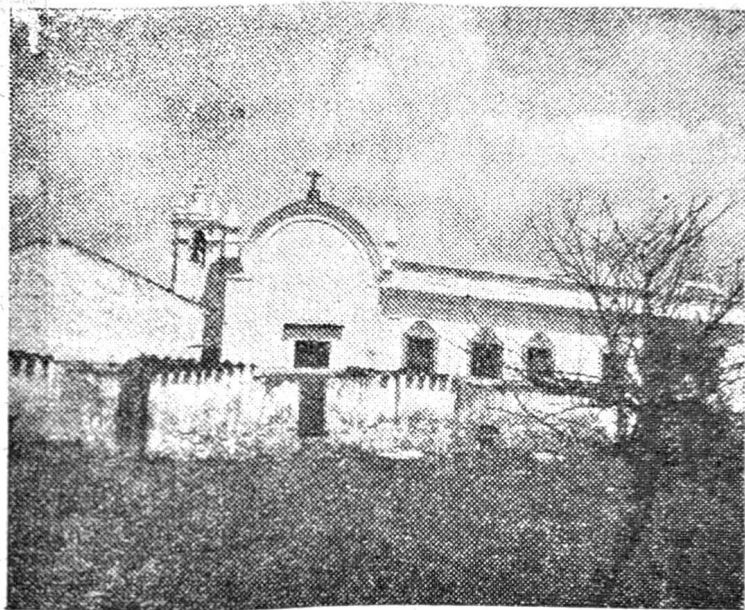
«D. Maria da Graça Pessanha tomou por sua conta, e devoção esta confraria fazendo-lhe todos os anos festa com o Santíssimo exposto, recebendo tão somente 800 reis que tem de fora para ajuda de se pagar..... dos padres nem se pede esmola alguma para estas por cuja razão não há de que se tomem contas; nem tem lugar a composição para cativos.

«E pelas razões alegadas to-

(1) Livro da Confraria, cit., f. 8 e 9.

mando contas o muito Reverendo Senhor Vigário Geral não levou cousa alguma destas, como se mostra pelo termo retro.

Moncarapacho, 7 de Agosto de 1747 O Pároco Pedro Afonso do Rego»<sup>(1)</sup>.



A capela e solar da Farrobeira

«Como certifica e jura aos Santos Evangelhos Gaspar Soares de Barros homem de sã consciência, e digno de inteiro crédito e por verdade assinou comigo estas contas das quais abatendo as ditas quantias fica excedendo a despesa tres mil cento e setenta e quatro reis..... 3\$174 os quais dá de esmola à confraria a dita D. Maria da Graça Pessanha sendo esta a mais breve, e limitada que lhe faz como é notório; e por haver assim estas contas, por to-

(1) Livro da Confraria, cit., f. 17.

madras e ajustadas, as assinou o Reverendo Prior com o dito Gaspar Soares de Barros sendo aos 28 dias do mês de Fevereiro de 1733.

O Prior Francisco Xavier Lobo Pessanha Gaspar Soares de Barros»<sup>(1)</sup>.

«Deve o Pároco actual certificar continua D. Maria da Graça na fervorosa devoção da festividade da confraria da vocação desta senhora para se lhe não tomar conta Tavira aos 23 de Abril de 1751»<sup>(2)</sup>.

«...atesta o Reverendo Pároco, a quem se deve dar inteiro crédito, por ser bem notório o seu zelo, e verdade não é necessário dar contas, as quais perturbam a este juízo; e como não há peditório de esmolas, também não há obrigação de contribuir para redenção dos cativos: Tavira 16 de Agosto de 1747»<sup>(3)</sup>.

É curioso observar o cuidado que havia com a remissão dos cativos, uma das obras de misericórdia!

### III — A figura meral de Dona Maria da Graça Pessanha e a edificação da Capela da Farrobeira

**E**NTRETANTO, ou devido à idade ou a doença que talvez a impedisse de ir com frequência à sua

igreja paroquial, porém, acima de tudo, pela sua grande devoção, resolveu Dona Maria da Graça Pessanha mandar edi-



A antiga imagem de Nossa Senhora da Conceição da Farrobeira

ficar um templo a Nossa Senhora, na sua extensa propriedade da Farrobeira, junto ao solar onde residia.

Verificou-se este facto em 1737, segundo a inscrição comemorativa da construção, que se encontra na referida capela.

Diz a mesma o seguinte:

(1) *Idem*, f. 8 e 9.

(2) *Ibidem*, f. 18.

(3) *Ibidem*, f. 17 v.

ESTA IGREJA MANDOU FAZER  
D. MARIA DA GRAÇA PESSANHA  
NO ANO DE 1737

Pequena e simples, em estilo barroco, faz esta capela lembrar a de Nossa Senhora do Pé da Cruz de Moncarapacho, onde, com certeza foi inspirada, pois, esse templo foi fundado em 1735, isto é, um ano antes<sup>(1)</sup>.

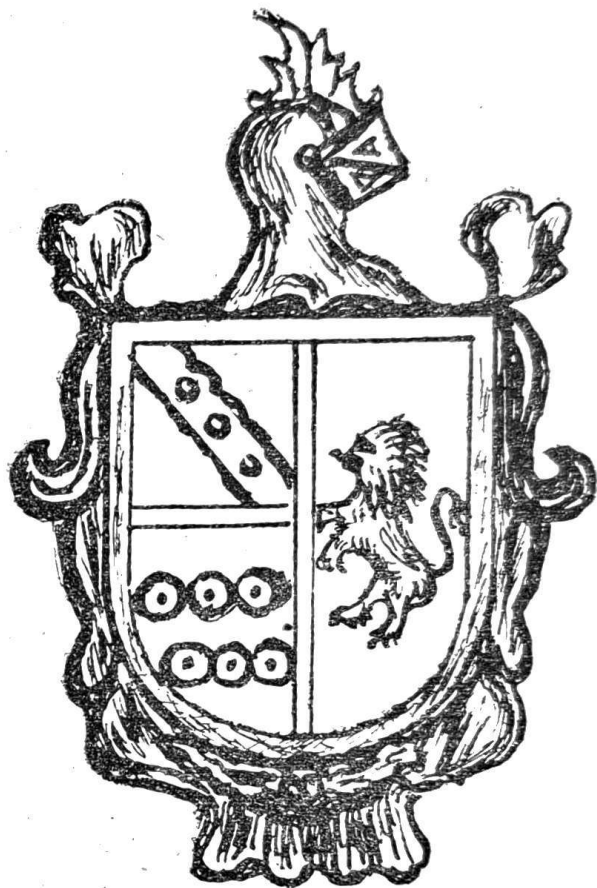
Os operários que a edificaram teriam até sido possivelmente os mesmos!

Ao fundo, tem o altar com o nicho de Nossa Senhora da Conceição e a banqueta. O tecto é em caixão e, encimando o arco do altar, encontra-se um brasão de armas, em talha, se bem que imperfeitamente trabalhado e pintado, sem dúvida por falta de verdadeiro conhecimento heráldico de quem o fez. Do lado do Evangelho tem o púlpito, que domina todo o templozinho, e, finalmente, a sacristia, a que o povo lhe chama sala dos padres.

**O brasão** — O brasão da capela deve ser o da família de Dona Maria da Graça Pessanha.

(1) *Monografia do Concelho de Olhão*, ob. cit., p. 291 e 292. Sobre a capela do Pé da Cruz, como de resto sobre todos os templos da freguesia de Moncarapacho, temos a documentação que lhes diz respeito copiada e alguma mesmo já divulgada, a fim de, a pouco e pouco, irmos dando-a à publicidade.

O escudo apresenta-se partido: 1 com uma banda dentelada, carregada de três pintas que correspondem certamente às três flores-de-lis das armas dos Pessanhas, as quais,



Esquema do brasão

segundo Santos Ferreira, são «De prata, com uma banda dentelada de vermelho, carregada de tres flôres-de-liz do primeiro esmalte. Timbre — Uma asa de vermelho, carregada de uma flor-de-liz do primeiro esmalte»; 2 com um leão rompante, o das armas dos silvas com os quais os Pessanhas se ligaram e 3 com seis arruelas que, embora não dispostas duas a duas, mas

sim três a três, devem corresponder às arruelas das armas dos Castros que, associadas às dos Melos, constituem as armas dos Gouvêas, com quem os Pessanhas do Algarve estavam ligados.

Sobre o brasão, encontra-se o clássico elmo, de viseira calada e voltada para a sinistra, que, segundo as regras da heráldica, denota bastardia, e o timbre dos Pessanhas — uma asa.

Finalmente, na parte inferior das armas, figura uma espécie de anjo — pura fantasia que nos parece! — talvez com base no timbre dos Gouvêas que é: «Uma águia de vermelho, estendida, armada e besantada de prata, de seis peças» (Santos Ferreira).

Embora imperfeito e confuso, tem este brasão de armas o seu merecimento e, por isso, não o deixámos de indicar no presente estudo.

Pequena e simples, dizíamos nós, esta capela que o cura Mendes Corrêa lhe chamou de Nossa Senhora da Assumpção, quer no termo de óbito de Dona Maria da Graça Pessanha, quer na carta sobre Moncarapacho enviada para o Dicionário Geográfico do padre Cardoso, mas a que D. Francisco Gomes do Avelar que a visitou e o povo lhe chamaram de Nossa Senhora da Conceição — o que está plenamente de acordo com as

tradições da família — tornou-se a breve trecho, o fulcro de uma acção caritativa e piedosa, notáveis, que o povo recorda, e já vão decorridos quase dois séculos sobre a morte de Dona Maria da Graça.

Esta senhora, segundo a tradição, foi um verdadeiro anjo da caridade na freguesia onde habitou. Todos os que dela se abeiravam nas suas necessidades espirituais e materiais, eram atendidos.

O povo lembra sempre a *senhora da Ferrobeira*, a quem chama santa, apontando-lhe até milagres operados em sua vida!

Escritos sobre eles não se conhecem, é certo, mas andam na imaginação da gente humilde e boa.

Registemo-los; pois, se outro mérito não tiverem, constituem mais um título de glória para quem levou a vida a suavizar as dores alheias, seguindo a letra e o espírito dos Evangelhos.

Conta-se que certo pobre, dos muitos que batiam à porta do seu solar, lhe pedira azeite, numa altura em que todo se tinha gasto em esmolas e ofertas. Profundamente contristada em não poder ser útil ao seu semelhante, apesar da informação que uma das criadas lhe tinha dado neste sentido, ordenou a bondosa senhora que fossem aos potes que algum azeite ainda haviam de

encontrar. Com grande espanto, verificou a criada que de facto os potes transbordavam do precioso óleo, o que provocou grande admiração em todos que tiveram notícia da estranha ocorrência.

Contam, também, entre outros episódios do género deste, que uma pessoa de sua família, mas de maus sentimentos, tentou determinada noite, quase de madrugada, roubá-la. Com não menor admiração, o sino da capela tangeu nessa altura tão crítica, sem que ninguém o puxasse, o que fez juntar o povo das redondezas, julgando que tocava para a Missa de Alva.

No dia 20 de Fevereiro de 1759, Deus chamou-a a Si e, com a sua morte, os pobres viram desaparecer para sempre a sua tão desvelada protectora.

Se levou uma vida absolutamente cristã, a sua morte não o foi menos, recebendo todos os sacramentos.

É o que nos diz o seu termo de óbito que passamos a transcrever:

«Aos 20 dias do mês de Fevereiro da era de mil setecentos e cinquenta e nove anos faleceu Dona Maria da Graça Pessanha, solteira, filha do Capitão Pedro Afonso Pires e de sua mulher Dona Inês Pessanha do sítio da Farrobeira desta freguesia, tendo recebido os sacramentos da penitência,

sagrado viático e extrema-unção fez testamento foi sepultada na sua capela de Nossa Senhora da Assumpção do sítio da Farrobeira desta freguesia de que fiz este termo que assinei.

O cura Manuel Mendes Corrêa»<sup>(1)</sup>.

A sua piedade e humildade levou-a a mandar abrir uma sepultura na sua capela, não só para si pessoalmente, como também para seus administradores.

Morreu sem descendência, como seu irmão, o capitão João Revez Pessanha.

Na sua sepultura, que se encontra quase aos pés do altar, vê-se, na parte superior, uma espécie de flor-de-lis com uma asa — talvez o timbre dos Pessanhas — e o epitáfio seguinte:

SEPULTURA DE D. MARIA DA  
GRAÇA PESSANHA QUE  
MANDOU FAZER (PAR) A SI E  
SEUS ADMINISTRADORES

Tendo feito testamento, como se diz no seu termo de óbito, os seus avultados bens passaram para um parente do lado paterno. Esse parente foi quem deu lugar aos morgados da Farrobeira<sup>(2)</sup>, com uma

(1) Livro n.º 8 dos óbitos, cit., f. 26.

(2) Pelo testamento de Luis de Castanheda e Brito, do sítio da Jordana, filho de António Esteves Pires e de Leonor de Sarrea de Castanheda, família histórica de

casa brasonada, na antiga rua da Carreira de Moncarapacho, bellissimo edificio mandado construir pelo morgado José Pedro Pacheco, no sítio onde existiram as casas de residência do capitão José Inácio de Mendonça e onde, por sua morte, viveu sua esposa Dona Maria Margarida Mascarenhas Palermo de Mendonça, natural de Alcácer do Sal.

O brasão que esse edificio ostenta, hoje infelizmente coberto de cal, é uma cópia pouco exacta do brasão da capela da Farrobeira, ou seja de Dona Maria da Graça Pessanha, não figurando nele, portanto, as armas dos Pachecos.

Moncarapacho que deu uma descendente que veio a casar com o alferes Manuel Guerreiro da Fonseca, de Loulé, filho de Matias Ataíde da Fonseca e de Leonor Maria de Mendonça, verifica-se ter ele falecido em 11 de Janeiro de 1762, dizendo o citado testamento o seguinte: «não dispos cousa alguma de presente porém seu sobrinho Pedro Pacheco Pires da Farrobeira em cuja casa faleceu mandou se lhe cantassem 5 responso e lhe dissessem 7 missas» (In Livro das Terças da Igreja de Moncarapacho).

Pelo sítio e, principalmente, por ser Pedro Pacheco Pires um dos legítimos ascendentes dos últimos morgados da Farrobeira, conclui-se que os bens de Dona Maria da Graça Pessanha, designadamente a capela, lhe foram parar às mãos, constituindo os mesmos, a maior parte do referido morgadio.

#### IV — Breve resenha genealógica da família Pacheco, dos morgados da Farrobeira, a quem os bens de Dona Maria da Graça foram parar

**P**EDRO Pacheco Pires do sítio da Beiramar, casou com Margarida Lopes, de cujo casamento nasceu em 10 de Dezembro de 1715:

Pedro Pacheco Pires que casou em 3 de Novembro de 1751, com Maria de Oliveira, do sítio do Poço das Figueiras, filha de António de Oliveira Nobre e de Simoa Nobre<sup>(1)</sup>.

Deste casamento nasceu:

O major Pedro Pacheco Pires<sup>(2)</sup> que casou com Maria Joaquina, do sítio dos Pés do Cerro, filha de Domingos Gago Nobre e de Catarina Maria, nascendo deste casamento, em 2 de Novembro de 1782:

O tenente António Pedro Pacheco que casou com Dona Tomásia da Conceição Pacheco, de Pechão, nascendo deste casamento:

José Pedro Pacheco que casou com Dona Maria Francisca da Conceição Pacheco, filha do alferes Francisco Pedro Pacheco (o alferes do

(1) Livro n.º 14 dos baptismos da freguesia de Moncarapacho, f. 154 v. e livro n.º 7 dos casados, f. 193.

(2) Livro n.º 18 dos baptismos, f. 120.

Quintalinho), e de Dona Inês Maria Palermo, neta paterna de Pedro Pacheco Pires e de Dona Isabel da Conceição Palermo<sup>(1)</sup>. Deste casamento nasceram:

José Pacheco (o último morgado e proprietário da Farrobeira);

Dona Maria Isabel, casada com Pedro Veríssimo Pereira Neto, filho de Pedro Veríssimo Pereira Neto e de Dona Francisca da Conceição Nobre Palermo que foi quem herdou o solar mandado construir pelo morgado José Pedro Pacheco, na rua da Carreira de Moncarapacho, que é hoje propriedade da senhora Dona Maria da Conceição Pereira Neto, sua filha;

Dona Maria Inês Pacheco Nunes, já falecida, que casou em Estoi e foi a proprietária da antiga imagem de Nossa Senhora da Conceição da Farrobeira.

## V — Vicissitudes por que passou a Capela da Farrobeira

**O**S sucessivos administradores da capela, designadamente, o morgado tenente António Pedro Pacheco, foram continuando a cuidar dela com mais ou menos zelo. E dizemos com mais ou menos zelo,

(1) Livros n.º 30 dos baptis-  
mos, f. 170 e n.º 32, f. 86.

em face de referências encontradas nos livros de visitas pastorais da freguesia de Moncarapacho, algumas delas já transcritas, em parte, por Ataíde Oliveira, na sua Monografia do Concelho de Olhão.

Na visita de D. Francisco Gomes do Avelar a Moncarapacho, em 25 de Julho de 1791, escreveu o grande arcebispo-bispo do Algarve:

«Item visitámos pessoalmente a Ermida da Senhora da Conceição no sítio da Farrobeira freguesia desta Aldeia e a achamos com muita falta do devido asseio necessitando de se dourar o calix e uma cazula branca nova por estar a que tem traçada e incapaz, necessita mais de missal novo, pedra de ara, galhetas sanguinhos, e que o altar tenha tres toalhas e assim mandamos se compre a pedra de ara das que há pouco sagrámos, e que o padroeiro da dita Capela faça aprontar tudo o mais indicado com toda a brevidade na certeza de que o que tornarmos a achar falto não desfarsaremos e proibiremos a celebração nela até se aprontar o necessário com o devido asseio para a decente celebração do Santo Sacrifício»<sup>(1)</sup>.

(1) Livro de visitas (o mais antigo, sem número), f. 105 v.

Todas as referências com algum interesse para a história religiosa de Moncarapacho, quer deste li-

E 9 de Maio de 1792, escrevia o mesmo prelado na sua nova visita o seguinte:

«Visitámos pessoalmente a Ermida da Senhora da Conceição no sítio da Farrobeira desta Aldeia, e a achamos muito mal provida, e até o seu sino quebrado; esperando de quem a tem a seu cargo, a ponha em melhor estado, e lhe mande fazer, um sino novo, para não termos na futura visita motivos que lhe possamos estranhar»<sup>(1)</sup>.

Finalmente, na visita de 10 de Maio de 1806, escrevia D. Francisco Gomes:

«Visitámos a Ermida de Nossa Senhora da Conceição no sítio da Farrobeira freguesia desta Aldeia; e achamos já com algum asseio; esperamos do devoto da Senhora cuide com todo o zelo no asseio e decoro da Sua Igreja»<sup>(2)</sup>.

Embora com menos zelo que no tempo de Dona Maria da Graça Pessanha, o culto da capela foi mantendo-se. O tenente António Pedro Pacheco, pessoa ao que nos cons-

viro, quer dos restantes (os poucos que existem) têmolas copiadas, com destino a outros estudos que estamos preparando. Ataíde Oliveira transcreve também, na *Monografia do Concelho de Olhão*, algumas passagens desses livros de visitas.

(1) *Idem*, f. 113 v.

(2) *Livro n.º 2 das visitas pastorais*, f. 8.

ta bastante bondosa, cuidava dela com certo interesse.

Aos domingos e dias santificados era celebrada Missa, segundo informação da nossa querida e saudosa avó materna, Joana Baptista Pires, que nos contava tudo o que a sua bela memória fixara, dando plena satisfação à nossa curiosidade em assuntos religiosos e históricos. Ela mesmo ainda se recordava de ter ido à Missa à Farrobeira com seus pais, muito da casa dos últimos morgados.

No estio, depois das colheitas, realizavam os proprietários da capela uma grande festa com procissão e arraial, à maneira da época, em que tomavam parte duas filarmónicas de Moncarapacho (a música velha e a música nova); isto, porém, mais recentemente.

Nessas festas (vigílias como então e ainda hoje são designadas em muitas terras do Algarve), aparecia sempre o clássico carro triunfante ou *trunfante*, como diz o povo, puxado a parelhas de bois e do qual era recitada a seguinte loa ou *aloa*:

Senhora da Conceição  
Vós sois a Padroeira  
Aumentai a música nova  
E o morgado da Farrobeira<sup>(1)</sup>.

(1) Informação dada pela senhora D. Isabel Coelho Pacheco, já falecida.

A alusão à música nova, era devida ao facto da família do morgado a manter e, como se depreende da quadra, existir certa emulação entre as duas filarmónicas da terra.

Por fim, ainda no tempo do morgado José Pedro Pacheco, o culto de Nossa Senhora da Conceição da Farrobeira foi decrescendo cada vez mais, chegando a própria capela, segundo fomos informados, a ser profanada. Conta-se até que num ano de grande abundância de vinhos, a chegaram a transformar, com grande escândalo dos crentes, em adega, verificando-se a particularidade curiosa dos vinhos aí arrecadados azedarem totalmente, transformando-se em vinagre. Desígnios da Providência!...

Entretanto, todos os morgadios foram extintos; e o seu último possuidor, José Pacheco (José Morgado), acabou por vender a Farrobeira juntamente com a capela, ficando uma sua irmã, de nome Dona Maria Inês Pacheco Nunes, com a primitiva imagem de Nossa Senhora da Conceição <sup>(1)</sup>.

Indo o morgadio e a capela para a posse de Dona Maria das Virgens e depois para a de sua filha Dona Rita de Oliveira Gomes, de novo foi colocada no seu nicho próprio outra imagem de Nossa Senhora da Conceição, num gesto bem cristão e digno dos maiores louvores; mantendo-se, de então para cá, a capela com certo aprumo e dignidade próprios do lugar.

Parte do antigo morgadio e a capela, são actualmente pertença de Dona Laura Chagas, de Tavira, que, muito louvavelmente, os mantém em perfeito estado de conservação.

É a capela da Farrobeira, situada nesse rincão algarvio, mais um marco do culto de Nossa Senhora em Portugal, digno do maior respeito e veneração.

Quanto à sua antiga pro-

roca do século XVIII, feita por mão de artista.

Desde o rosto da Senhora, à posição das mãos e leveza das roupagens, aos anjos que, em revoada, se encontram a Seus pés e à própria peanha, tudo tem encanto e sentido estético, numa palavra, tudo é arte.

Não supúnhamos mesmo, devemos confessar, que se tratasse duma imagem de semelhante categoria artística.

Que bem que ela ficava na capela da Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho, perpetuando a memória duma família, cujos membros pertenceram, em grande número, a essa tão antiga quão benemérita instituição!

(1) Dessa imagem foi-nos oferecida, a nosso pedido e por intermediação das senhoras D. Amélia Gonçalves Saramago e D. Alda Antero Barracosa, a fotografia que ilustra este estudo.

Por ela se vê estar-se em presença duma boa escultura bar-

prietária e fundadora, Dona Maria da Graça Pessanha, diz o povo que o seu corpo se mantém incorrupto, lenda possivelmente baseada no espírito piedoso e de bondade dessa senhora.

Seja como for. As suas cinzas lá continuam aos pés da Virgem, em eterna prece por aqueles que protegeu em vida e, também, pelos sucessivos administradores da capela que por aí passaram. E a sua voz, apesar de distante, parece ecoar ao alvorecer das madrugadas, em oração fervorosa à *Stella matutina*.

*Nota final* — É frequente ouvir-se dizer que a família Pacheco de Moncarapacho descende de Diogo Lopes Pacheco e, portanto, de D. Lopo Pacheco, companheiro de D. Afonso IV na batalha do Salado.

Embora não tivéssemos encon-

trado qualquer ligação com esses personagens da nossa história, sabemos, no entanto, que se estabeleceu em Monchique um membro da família Pacheco que, descendendo dos fidalgos desse apelido, designadamente de D. Lopo Pacheco, teria dado origem a alguns ramos desse apelido no Algarve. É possível que a tradição não seja desprovida de fundamento.

\* \* \*

Ao transcrevermos os documentos e inscrições, procurámos, para facilidade de composição tipográfica e leitura, desdobrar as abreviaturas e pôr tudo em ortografia corrente, embora observando, com o maior rigor, o que nos respectivos textos se contém.

Quanto à fotografia da capela e solar, foi tirada pelo nosso afilhado e primo, Amândio de Sousa Faustino.

As pessoas que nos auxiliaram na parte fotográfica ou, por qualquer outra forma, aqui ficam consignados os nossos melhores agradecimentos.

Composto e impresso na  
Tipografia «POVO ALGARVIO»  
TAVIRA